



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

## A TRANSFERÊNCIA DE PADRÕES GRAFO-FÔNICO-FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS PARA O ESPANHOL NUM CONTEXTO MULTILÍNGUE E DE NÃO IMERSÃO



## THE TRANSFER OF GRAFO-PHONIC-PHONOLOGICAL PATTERNS FROM PORTUGUESE AND ENGLISH TO SPANISH IN A MULTILINGUAL AND NON-IMMERSIVE CONTEXT

Eduardo de Oliveira DUTRA  
Universidade Federal do Pampa, Brasil

Táise SIMIONI  
Universidade Federal do Pampa, Brasil

Larissa da Costa BORGES  
Universidade Federal do Pampa, Brasil

Michelle Gaia VICTORIANO  
Universidade Federal do Pampa, Brasil

---

## Resumo

---

Neste estudo, examinamos evidências de transferência grafo-fônico-fonológica do português e do inglês para o espanhol na aquisição dos fonemas /r/, /r/ e /x/ nesta língua adicional. A pesquisa foi desenvolvida num contexto multilíngue, de não imersão. Integraram o estudo vinte e dois participantes, que realizaram a leitura de palavras isoladas com as formas-alvo. Os resultados indicaram evidências de uma possível influência das relações grafo-fônico-fonológicas do português e do inglês nas realizações em espanhol. Embora essa possível influência tenha se manifestado em poucos casos, defendemos a necessidade, no contexto de ensino, de uma intervenção instrucional que considere tais questões.

---

## Abstract

---

In this study, we have examined evidence of grapho-phonetic-phonological transfer from Portuguese and English to Spanish in the acquisition of /r/, /r/ and /x/ in this additional language. The research was developed in a multilingual context, of non-immersion. The study was composed by 22 participants, who read isolated words that contained the target forms. The results indicated that there are indications of possible influence of the grapho-phonetic-phonological relations of Portuguese and English on the Spanish language productions. Although this possible influence has manifested only in a few cases, we defend the need, in a teaching context, of an instructional intervention that takes these issues into account.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Transferência grafo-fônico-fonológica. Multilinguismo. Línguas adicionais.  
**KEYWORDS:** Grapho-phonetic-phonological transfer. Multilingualism. Additional languages.

---

## Texto integral

---

Estudos desenvolvidos (BRITO, 2011; BLANK; ZIMMER, 2011, 2014; TOASSI; MOTA, 2013a, 2013b; BLANK 2016), no contexto brasileiro, no âmbito da aquisição multilíngue, tendem a tratar da aprendizagem de uma terceira língua (doravante L3). Na presente investigação, examinamos casos de transferência do português brasileiro (doravante PB) e do inglês (doravante ING) na aquisição de aspectos linguísticos do espanhol (doravante ESP), no nível fonético-fonológico, entre estudantes universitários pertencentes a contexto idêntico ao da investigação de Back e Dutra (2018), em que os alunos se voltam à aprendizagem de ambas as línguas adicionais (doravante LA) – situação 1. Outras realidades

compartilhadas são a frequente aprendizagem de uma LA e o aperfeiçoamento da competência linguístico-comunicativa de outra – situação 2 – ou o aperfeiçoamento de ambas as LA – situação 3.

O objetivo deste trabalho é analisar a realização do tepe, da vibrante múltipla e da fricativa velar desvozeada no ESP por estudantes universitários, que podem integrar variavelmente uma das três situações supramencionadas, a depender de sua biografia linguística. Tal análise busca evidências de transferência grafo-fônico-fonológica do PB e do ING para o ESP, no que diz respeito à aquisição das formas-alvo recém mencionadas. Isto é realizado a partir de uma linha descritiva, tendo em vista fatores como tipologia e recentividade, os quais, em conjunto com outros fatores, estão sendo analisados em uma pesquisa maior da qual esta investigação faz parte. Para fins de organização do artigo, na sequência apresentamos a fundamentação teórica, a qual é seguida da análise e discussão dos resultados. Por último, trazemos as considerações finais.

## 2 Fundamentação teórica

Na primeira parte da fundamentação teórica, levamos em consideração os três fonemas do ESP sob análise (tepe, vibrante múltipla e fricativa velar desvozeada), observando como eles são graficamente representados nesta língua e como os grafemas que os representam apresentam diferentes relações grafo-fônico-fonológicas quando são comparados ao ING e ao PB. Quanto à segunda parte da fundamentação teórica, são discutidas questões relacionadas à transferência linguística em contextos de multilinguismo.

### 2.1 Relações grafo-fônico-fonológicas

Nas línguas, existe a possibilidade de que um grafema represente mais de um fonema e, por conseguinte, mais de uma realização fonética, e de que um fonema seja representado por mais de um grafema. Discutiremos, aqui, as relações grafo-fônico-fonológicas referentes aos grafemas “r”, “rr” e “j” em ING, ESP e PB.

Em ING, o grafema “r” representa o fonema /ɹ/, como podemos observar nas palavras “rebel”, “crib”, “cartoon” e “around”, em que se encontra, respectivamente, nas posições de início absoluto de palavra, ataque silábico complexo, final de sílaba e contexto intervocálico. É válido destacarmos que existem 26 grafemas para representar 40 sons básicos nessa língua (FROMKIN, 2000).

Por outro lado, em ESP, este grafema pode representar os fonemas /r/ e /r/, a depender de sua posição na palavra. Nesse sentido, nas palavras “farmacia”, “brillo” e “paralelo”, o grafema “r” representa o fonema /r/, tendo em vista que, no primeiro exemplo, está em posição final de sílaba; no segundo, é o segundo elemento de um ataque complexo; e, no terceiro, está em contexto intervocálico (SERRA; ABREU; BERTELEGNI, 2007). Já em “rato”, “Israel”, “alrededor” e “enriquece”, o grafema “r” corresponde a /r/, pois se encontra, respectivamente,

em início absoluto de palavra e em ataque depois das consoantes “s”, “l” e “n” (QUILIS, 1999).

Por último, em PB, esse grafema representa o fonema /r/ ou o arquifonema /R/. No que concerne ao fonema /r/, geralmente este ocorre em posição intervocálica ou como segundo elemento de um ataque complexo, como é possível perceber nas palavras “caro” e “prata”, respectivamente. Alternativamente, em posição de final de sílaba, como em “porta”, ou em início absoluto de palavra, como em “rua”, representa o arquifonema /R/, o que possibilita a existência dos alofones [x, ɣ, h, r] (CRISTÓFARO SILVA, 2002). Na Figura 1, resumimos a relação entre o grafema “r” e os fonemas e alofones que ele pode representar nas línguas sob análise.

**Figura 1** – Fonemas e alofones representados pelo grafema “r” em inglês, espanhol e português brasileiro

Grafema “r”											
Inglês				Espanhol				Português brasileiro			
Fonema	Alofones	Contexto silábico	Exemplo	Fonema	Alofones	Contexto silábico	Exemplo	Fonema	Alofones	Contexto silábico	Exemplo
/ɹ/	-	Início absoluto de palavra	rebel	/r/	-	Final de sílaba	farmácia	/r/	-	Posição intervocálica	caro
		Ataque complexo	crib			Ataque complexo	brillo			Ataque complexo	prata
						Posição intervocálica	paralelo				
		Final de sílaba	cartoon	/r/	-	Início absoluto de palavra	rato	/R/	[x] [ɣ] [h] [r]	Final de sílaba	porta
		Contexto intervocálico	around			Ataque depois de “s, l, n”	Israel alrededor enriquece			Início absoluto de palavra	rua

Fonte: Elaborado pelos autores

Como é possível perceber na Figura 1, por um lado, em ING o grafema “r” representa somente um fonema, o /ɹ/, independentemente do contexto linguístico. Em comparação, em ESP e PB, há uma diferença no que tange à correspondência fonêmica e à alofônica. De um lado, em ESP, a oposição se dá entre final de sílaba, ataque complexo e posição intervocálica (com /r/ e sem alofonia), por outro lado, ocorre em início absoluto de palavra e em ataque depois de “s, l, n” (com /r/ e sem alofonia). Em PB, diferentemente, a oposição ocorre entre a posição intervocálica e o ataque complexo (com /r/ e sem alofonia), de um lado, e o final de sílaba e o início absoluto de palavra (com /R/ e alofonia), de outro.

Com relação ao dígrafo “rr”, está presente a questão que se configura como alofone em uma língua e fonema em outra, como é possível perceber na Figura 2.

**Figura 2** – Fonemas e alofones representados pelo dígrafo “rr” em inglês, espanhol e português brasileiro

Dígrafo "rr"								
Inglês			Espanhol			Português brasileiro		
Fonema	Alofones	Exemplo	Fonema	Alofones	Exemplo	Fonema	Alofones	Exemplo
/ɹ/	-	corroborate	/r/	-	arranque	/x/	[h] [x] [r]	carro

Fonte: Elaborado pelos autores

Como é possível ver na Figura 2, o dígrafo "rr" representa o fonema /ɹ/ e /r/ em ING e ESP, respectivamente, e, em ambas as línguas, geralmente, não ocorre alofonia (FERNÁNDEZ, 2001; YAVAS, 2011). Já em PB, tal dígrafo representa o fonema /x/, que possui variantes, conforme Cristóforo Silva (2002), entre elas, [r] e [x], que constituem fonemas distintos em ESP. Sabemos que não há consenso na literatura quanto ao *status* fonológico das vibrantes em PB e em ESP, como discutem Monaretto *et al.* (2001) e Harris (1983), para cada uma das línguas respectivamente. Tomamos, entretanto, como parâmetro as propostas dos autores mencionados anteriormente, durante a discussão, a fim de permitir que se fizesse uma sistematização didática dos diferentes fonemas e alofones que os grafemas "r" e "rr" podem representar nestas línguas. Também não temos a pretensão de ter apresentado todas as possíveis realizações destes e dos demais grafemas em todas as variedades das línguas sob análise.

No que concerne ao grafema "j", em ING ele representa o fonema /dʒ/, nos dois contextos em que pode ocorrer: em início absoluto de palavra, como se pode observar em "jealous", e em posição de início de sílaba no interior da palavra, como em "major". Contudo, em ESP, este grafema corresponde a /x/ em todos os contextos silábicos (é válido destacar que é possível a variante [h] para este fonema (QUILLIS, 1999)), como é possível perceber nas palavras "jaula", em início absoluto de palavra, e "caja", em início de sílaba no interior da palavra (QUILLIS, 1999). Já em PB, tal grafema representa o fonema /ʒ/ em todos os contextos silábicos, como é possível observar na palavra "jacaré" – em início absoluto de palavra – e "objeto" – início de sílaba no interior da palavra (CRISTÓFARO SILVA, 2002). Nesse sentido, apresentamos a Figura 3 a título de ilustração. Cabe destacarmos que o grafema "g", quando seguido por "e" ou "i", terá a mesma distribuição aqui apresentada em cada uma das línguas, como mostram as palavras "general" e "original", para o ING, "general" e "agitar", para o ESP, e "gente" e "trágico", para o PB. Nas três línguas, o grafema "g", quando sucedido por "a", "o", ou "u", representa /g/.

**Figura 3** – Fonemas e alofones representados pelo grafema "j" em inglês, espanhol e português brasileiro

Grafema "j"											
Inglês				Espanhol				Português brasileiro			
Fonema	Alofones	Contexto silábico	Exemplo	Fonema	Alofones	Contexto silábico	Exemplo	Fonema	Alofones	Contexto silábico	Exemplo
/dʒ/	-	Início absoluto de palavra	jealous	/x/	[x] [h]	Início absoluto de palavra	jaula	/ʒ/	-	Início absoluto de palavra	jacaré
		Início de sílaba no interior	major			Início de sílaba no interior	cajá			Início de sílaba no interior	objeto

		da palavra				da palavra				da palavra	99
--	--	---------------	--	--	--	---------------	--	--	--	---------------	----

Fonte: Elaborado pelos autores

99

Como é possível perceber, em cada uma das línguas, o grafema “j” representa um fonema diferente.

Ainda no âmbito da grafia, é válido destacarmos que o sistema alfabético considerado “ideal” é geralmente aquele em que um único fonema corresponde a um único grafema e vice-versa (VELOSO, 2005). Levando em conta que quase nenhuma língua integra o grupo das línguas de sistema completamente “ideal” (FROMKIN, 2000), considera-se que haja um *continuum* entre línguas mais transparentes e línguas mais opacas. A respeito disso, é possível afirmarmos que as línguas consideradas ortograficamente mais transparentes são as que mais se aproximam do sistema ideal, em que a maioria de seus grafemas corresponde a um único fonema, como no caso do finlandês (RODRIGUES, 2013). Em contraste, as línguas opacas são aquelas que mais se afastam deste sistema ideal. No caso das línguas sob análise, embora tanto ESP quanto PB sejam considerados transparentes, quando comparados um ao outro, é possível perceber que o primeiro é mais transparente do que o segundo (VELOSO, 2005). Ambas as línguas, por sua vez, são mais transparentes do que o inglês. Na sequência, apresentamos brevemente questões relacionadas à transferência no âmbito do multilinguismo.

## 2.2 Influências interlinguísticas e multilinguismo

No campo de estudos aquisicionais, a aprendizagem multilíngue pode ser compreendida como a aquisição de outras línguas que não envolva a L1 e a primeira língua estrangeira do indivíduo (CENOZ, 2000). Esse tipo de aquisição pode ser considerado mais complexo em comparação à aquisição de L2, visto que, além de envolver fatores e processos que possivelmente estejam atrelados a esse tipo de aprendizagem, inclui fatores únicos e complexos, oriundos das diversas interações que podem surgir no momento em que várias línguas são aprendidas e usadas concomitantemente (DE BOT, 2004). Nesse sentido, a transferência é consequência da interação da língua-alvo com as línguas aprendidas anteriormente (CENOZ, 2008). Segundo Ottonello (2004), a influência interlinguística também pode ser compreendida como um processo cognitivo pelo qual os aprendizes de L2 fazem um uso estratégico de sua L1 e das outras línguas conhecidas, no processo de apropriação e de uso da língua-alvo, para a compreensão e produção de mensagens.

A transferência dos padrões fonético-fonológicos da língua materna (neste estudo, não diferenciamos primeira língua de língua materna) para a estrangeira envolve a tendência à transferência dos padrões articulatórios e grafo-fônico-fonológicos de um sistema para outro (CABAÑERO; ALVES, 2008). No caso de aquisição multilíngue, como é o exemplo do presente estudo, podemos observar a possibilidade de influência desses padrões do PB e do ING na aquisição das formas-alvo desta investigação.

Williams e Hammarberg (1998) apontaram fatores como possíveis condicionadores dos processos de transferência, a saber: (a) grau de proficiência;

(b) tipologia linguística; (c) *status* de língua estrangeira e (d) recência/recentividade do uso das línguas.

No que tange ao grau de proficiência, há uma maior possibilidade de ocorrência de transferência entre estudantes com nível menor de proficiência na L2 (ODLIN, 1989), ou seja, parece existir relação entre o grau de proficiência e a influência translinguística. Em relação ao fator (b), é possível que a proximidade interlinguística influencie casos de transferência. Nesse sentido, esse fenômeno pode suceder entre línguas bem diferentes, contudo a influência translinguística tende a ocorrer entre línguas tipologicamente próximas. Quanto ao efeito de língua estrangeira, Williams e Hammarberg (1998) explicam que é ativado o mesmo mecanismo de aquisição da L2, quando se utiliza a L3. Outra possível explicação para esse fator provavelmente está relacionada à possibilidade de tentativa de bloqueio de acesso à L1, que não possui *status* de língua estrangeira, por parte do aprendiz. No que concerne ao fator (d), Jarvis e Pavlenko (2010) afirmam que a língua que o aprendiz utiliza com mais frequência estaria num nível mais elevado de ativação, logo, se o uso da L2 for mais frequente e recente, há mais probabilidade de acesso dessa língua no momento em que o aprendiz esteja produzindo na L3.

Toassi e Mota (2013a) pesquisaram a influência translinguística de segundas línguas (alemão, espanhol, italiano e francês) e do PB (L1) na aprendizagem do léxico do ING como L3 entre bilíngues precoces e tardios. Fatores (tipologia linguística, recentividade, ordem de aquisição e *status* de L2), para análise dos dados, foram considerados. Os resultados apontaram que a origem da transferência lexical provém da L1. Além disso, houve evidências de que os fatores influenciadores no processo de transferência obedecem à seguinte hierarquia: ordem de aquisição > tipologia > recentividade > *status* da segunda língua.

Toassi e Mota (2013b) investigaram, por meio da análise de produções orais e escritas, casos de transferência sintática na aprendizagem do inglês como L3, entre falantes de PB como L1, cujas segundas línguas eram espanhol, italiano, francês e alemão. Os resultados indicaram maior influência da L1 em comparação ao papel desempenhado pelas segundas línguas no processo de aprendizagem do ING.

Fonseca (2014) investigou casos de transferência no nível léxico-semântico do português (L1) e do inglês (L2) na produção escrita de estudantes de francês (L3). Os resultados, de modo geral, indicaram que a proximidade interlinguística, a maior exposição e a proficiência podem explicar o maior acesso ao conhecimento prévio do PB durante a produção da L3.

Blank (2016) investigou a transferência em multilíngues falantes de português, espanhol e inglês, durante a produção de vogais orais nessas línguas, tendo em vista dois fatores: proficiência e características específicas de cada língua numa relação grafo-fônico-fonológica. Os resultados apontaram forte associação entre as vogais do português e do espanhol, bem como do português e do inglês. A pesquisadora concluiu que existe baixa associação entre as vogais da L2 e da L3 em função de os participantes não possuírem experiência de uso dessas línguas adicionais em contexto de imersão.

Na seção seguinte apresentamos a metodologia.

Deste estudo, de caráter descritivo, fizeram parte 22 estudantes do terceiro semestre do curso de Letras – Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, de uma universidade pública que está localizada no interior do Rio Grande do Sul. Considerando a natureza e os propósitos do presente estudo, não controlamos a proficiência dos estudantes com a intenção de discutirmos o papel desse fator como possível influenciador da transferência grafo-fônico-fonológica, ainda que reconhecemos a sua relevância nesse fenômeno.

A fim de coletarmos os dados, os alunos participantes (doravante Aps) realizaram a leitura de uma lista de palavras isoladas que continham os grafemas correspondentes aos fones meta do estudo. De um total de trinta e duas palavras, vinte e seis (*rato, jaula, majada, cara, radical, jabón, naranja, arranque, garrafón, ajado, majadal, parrafada, cuchara, rabia, jade, tajadera, maraca, paralelo, arrastra, raíz, jamón, caja, garra, párrafo, maravilla e araña*) continham os fones meta, e as demais palavras (*ventana, damasco, fantasma, farmacia, montaña e ganado*) eram distratoras. A palavra *farmacia* está entre as distratoras tendo em vista que a realização de “r” em final de sílaba não foi objeto de análise neste trabalho.

Vale destacarmos que as palavras-alvo apresentavam grafemas correspondentes aos fones meta nos seguintes contextos linguísticos: início absoluto de palavra e início de sílaba no interior da palavra, nos casos de [r] e [x], e, no caso de [r], o seu grafema correspondente ocupou unicamente a posição de início de sílaba no interior da palavra. Após a coleta de dados, a análise das produções foi de oitiva, o que permitiu a categorização dos dados.

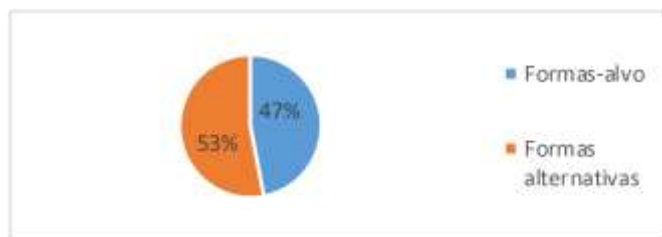
No que tange à produção dos Aps, na sua variedade dialetal do PB, podemos afirmar que predominam as realizações [h] e [x], para o que é representado pelo grafema “r” em início absoluto de palavra e “rr” no contexto intervocálico, e [r], para o que é representado pelo grafema “r” em contexto intervocálico.

### 4 Análise e discussão dos resultados

De um total de 594 dados, 279 ocorrências se referem à vibrante múltipla, ao tepe e à fricativa velar desvozeada do ESP, ou seja, às formas-alvo em conjunto, enquanto o restante dos dados alude aos casos de ocorrência das formas alternativas, também tomadas em conjunto. Isto significa que 47% dos dados (279/594) representam os casos de aplicação, ao passo que 53% (315/594) aludem à frequência das formas alternativas. A fim de ilustrarmos os índices gerais, apresentamos, a seguir, o gráfico na Figura 4.

**Figura 4** – Índices gerais de ocorrências das formas-alvo e das formas alternativas

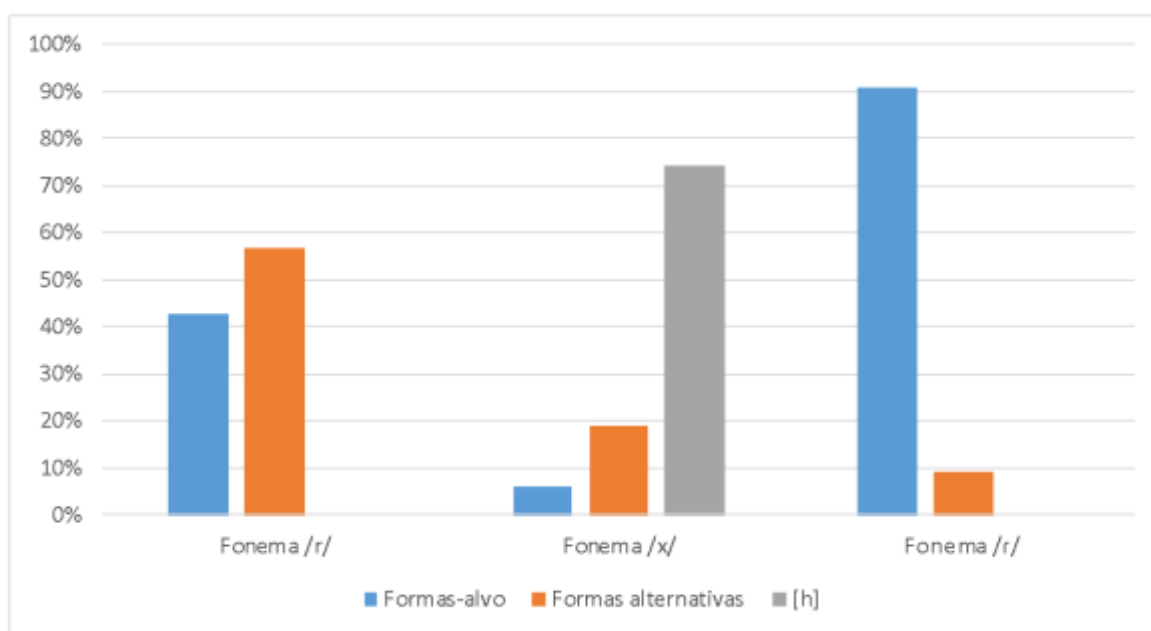




Fonte: Elaborado pelos autores

A partir do gráfico da Figura 4, podemos observar que os dados de não aplicação foram superiores aos índices referentes à frequência das formas-alvo em conjunto (vibrante múltipla, tepe e fricativa velar desvozeada do ESP). Esses resultados, inicialmente, sugerem que essas formas linguísticas resultam difíceis ao brasileiro aprendiz de ESP. Entretanto, é necessário assinalarmos que o cômputo total não nos permite verificar se há diferenças na produção de cada um dos fonemas sob análise. Em virtude disso, a seguir, apresentamos o gráfico na Figura 5, a partir do qual indicamos, separadamente, cada fonema e mostramos as respectivas distribuições das formas-alvo e das formas alternativas.

**Figura 5** – Frequência dos fonemas em relação às formas-alvo e às formas alternativas



Fonte: Elaborado pelos autores

Com base no gráfico da Figura 5, podemos observar os menores índices da forma-alvo para o fonema /x/ (14/220, o que corresponde a 6,4% das realizações). Se partirmos de uma relação inversamente proporcional, a maior aplicação da forma alternativa [h] (164/220, correspondendo a 74,5% das realizações) implica uma menor frequência de sua respectiva forma-alvo [x]. Por conseguinte, inicialmente, poderíamos aventar a hipótese de que o fonema /x/ do ESP é o mais problemático entre os alunos-participantes deste estudo. Contudo, [h] é uma

possibilidade de realização de /x/ em ESP (QUILIS, 1999), o que nos permite descartar essa hipótese preliminar. Assim, a partir de uma reanálise do gráfico da Figura 5, podemos constatar que a menor porcentagem de realização com a forma-alvo se dá com a vibrante múltipla, em que a forma-alvo aparece em 43% dos casos (95/220), enquanto as formas alternativas correspondem a 57% (125/220) das ocorrências. Quanto ao fonema /r/, 91% (140/154) correspondem à forma-alvo, contra 9% (14/154) de formas alternativas para este fonema. A tendência de a vibrante múltipla ser a mais problemática, neste estudo, está em consonância com os resultados da pesquisa de Fernández (2001), na qual, mesmo entre os alunos com maior contato com ESP, houve mais dificuldade na realização de /r/ em comparação à produção de /x/ e /r/.

Na sequência, passamos a analisar cada fonema sob discussão, a fim de identificarmos e discriminarmos as formas alternativas em cada caso, apontando indícios de uma possível influência das relações grafo-fônico-fonológicas nas línguas sob análise, a partir dos dados de realização em espanhol. Iniciaremos pela vibrante múltipla, conforme a Figura 6.

**Figura 6** – Emprego das formas alternativas do fonema /r/ do espanhol

Fonema	Produção	Posição inicial	Posição medial	Alunos-participantes (Ap)
/r/	[r]			Ap3, Ap7, Ap8, Ap9, Ap15, Ap16, Ap18, Ap20, Ap21
	[r]			Ap1
	[r]			Ap4, Ap14
	[h]			Ap7
	[x]			Ap3, Ap6, Ap20

Fonte: Elaborado pelos autores

Na Figura 6, podemos observar que o fonema /r/ foi realizado como tepe, que coexistiu, durante a leitura da lista de palavras, com a fricativa velar desvozeada e a fricativa glotal desvozeada. Logo, houve a produção do fonema /r/ de três maneiras alternativas distintas, sendo que [r] foi utilizado como forma alternativa por mais Aps. Outra questão, que merece destaque, está relacionada à variabilidade intra-sujeito. Nesse sentido, Ap3 e Ap20 ora realizaram o fonema /r/ como tepe, ora o produziram como [x], da mesma forma que Ap7 apresentou duas formas alternativas: [r] e [h].

Com base no que foi exposto, podemos supor que haja uma possível influência das relações grafo-fônico-fonológicas do PB na produção do ESP, no caso das realizações com [h], em posição inicial (Ap7), uma vez que, em PB, o grafema “r”, em início absoluto de palavra, pode ser realizado por este alofone. Esta influência pode ser percebida, também, na posição medial (contexto intervocálico), nos casos em que as formas alternativas adotadas foram [h] (Ap7) e [x] (Ap3, Ap6, Ap20), tendo em vista que o dígrafo “rr” pode representar tais alofones em PB neste contexto. Cabe destacarmos que a variante dos Aps, no PB, para os casos de realização de “r” e “rr”, respectivamente, em início absoluto de palavra, como em “rapaz”, e em início de sílaba no interior da palavra, como em “corro”, são a fricativa glotal desvozeada e a fricativa velar desvozeada, o que serve de suporte para a nossa hipótese anterior.

No caso da forma alternativa adotada pela maior parte dos Aps, o tepe, não se pode levantar a hipótese da influência das relações grafo-fônico-fonológicas do PB, já que, nesta língua, o grafema “r”, em início absoluto de palavra, e o dígrafo “rr”, no contexto intervocálico, não representam, de maneira geral, o tepe, e este não corresponde à variante do PB adotada pelos Aps nesses contextos. Esta realização pode revelar tentativas dos aprendizes em realizar um som, [r], que, provavelmente, não pertence às suas variedades dialetais. Destacamos o fato de que [r] e [r] são segmentos muito semelhantes, distinguindo-se, articulatoriamente, apenas pela quantidade de batidas da ponta da língua nos alvéolos (múltiplas, no caso de [r]; e apenas uma, no caso de [r]). Poderíamos entrar, aqui, na questão da atuação da percepção, como discutem Zimmer e Alves (2006). Nosso estudo, entretanto, não tem condições de comprovar ou refutar a dificuldade de produção dos aprendizes de [r] a partir de uma ausência de percepção de diferenças articulatórias. Deixamos, então, a questão em aberto para futuros estudos.

Quanto ao fonema /x/, a Figura 7 apresenta as formas alternativas produzidas pelos alunos-participantes de nosso estudo.

**Figura 7** – Emprego das formas alternativas do fonema /x/ do espanhol

Fonema	Produção	Posição inicial	Posição medial	Alunos-participantes (Ap)
/x/	[r]			Ap1, Ap15, Ap16
	[r]			Ap6, Ap9
	[dʒ]			Ap7
	[dʒ]			Ap3
	[r]			Ap16, Ap20
	[r]			Ap9
	[ʒ]			Ap8, Ap15, Ap20

Fonte: Elaborado pelos autores

Na Figura 7, podemos observar que o fonema /x/ apresentou quatro realizações distintas entre os Aps. Em termos de frequência das formas alternativas do fonema /x/, por número de alunos-participantes, podemos representá-la do seguinte modo: [r] > [r], [ʒ] > [dʒ]. Cabe destacarmos que, diferentemente do grafema “r”, que, em decorrência da posição na sílaba e na palavra, pode representar fonemas distintos, o grafema “j” mantém uma relação unívoca com o fonema /x/, em ESP, em qualquer posição que ocupe na palavra. Mencionamos, aqui, que quatro Aps, Ap9, Ap15, Ap16 e Ap20, apresentaram mais de uma forma alternativa.

É possível levantar a hipótese de uma influência das relações grafo-fônico-fonológicas do PB nos casos em que o grafema “j” foi realizado como [ʒ], já que, nesta língua, tal grafema representa o fonema /ʒ/, em qualquer posição na palavra. Isto ocorreu com três Aps (Ap8, Ap15, Ap20). Chamamos a atenção para o fato de que esta forma alternativa foi adotada apenas em posição medial. Nesta mesma posição, Ap15 e Ap20 também usaram as formas alternativas [r] e [r], respectivamente, o que não pode ser explicado por uma questão das relações grafo-fônico-fonológicas entre as línguas envolvidas.

No caso de realizações com [dʒ], aventamos, aqui, a possibilidade de uma influência das relações grafo-fônico-fonológicas do ING, tendo em vista que, nesta

língua, o grafema “j” representa o fonema /dʒ/ em qualquer posição na palavra. Em nosso estudo, um aluno-participante adotou esta forma alternativa em posição inicial (Ap7), enquanto outro a adotou em posição medial (Ap3). Esta hipótese, claramente, carece de uma maior investigação. Ressaltamos o fato de que, em nossos resultados, esta foi a única situação em que as relações grafo-fônico-fonológicas do ING poderiam estar influenciando a produção dos aprendizes. O fato de haver uma única ocorrência desse tipo corrobora, ainda que haja diferenças nos contextos analisados, os resultados de Blank (2016), segundo os quais, no caso de multilíngues, em contexto de não imersão, o uso da L2 e da L3 não seria suficientemente significativo para que pudesse haver influências entre si.

No que diz respeito ao fonema /r/, a Figura 8 apresenta as formas alternativas empregadas pelos Aps. Na Figura 8, não houve indicação da posição inicial e medial na palavra, uma vez que o fonema /r/ só ocorre na última em ESP.

**Figura 8** - Emprego das formas alternativas do fonema /r/ do espanhol

Fonema	Produção	Alunos-participantes (Ap)
/r/	[r]	Ap1, Ap6, Ap8, Ap9, Ap13, Ap15

Fonte: Elaborado pelos autores

Como podemos ver na Figura 8, o fonema /r/ apresentou uma única forma alternativa, a vibrante múltipla. Mais uma vez, estamos diante de uma situação em que um grafema, no caso “r”, pode representar mais de um fonema, a depender da posição que ocupa na palavra. Em ESP, teremos /r/ no final da sílaba, no ataque complexo e no contexto intervocálico.

Aqui, a influência das relações grafo-fônico-fonológicas do PB parece trazer benefícios ao aprendiz, tendo em vista que o tepe tem uma distribuição similar à descrita acima nas variedades dialetais do PB possivelmente presentes entre os Aps. A presença da vibrante múltipla, como forma alternativa, nos faz levantar a hipótese de que os alunos perceberam que o grafema “r”, em ESP, pode representar tanto /r/ quanto /r/, o que revela o processo de construção de um conhecimento sobre as relações grafo-fônico-fonológicas nesta língua. Falta, ainda, a estes alunos a conclusão desse processo, de modo que, por via de conhecimento explícito, saiba os contextos em que cada fonema ocorre. Nesta tarefa, a atuação do professor, através da intervenção instrucional, pode ser essencial.

Os nossos resultados sugerem maior influência do PB, que é tipologicamente mais próximo do ESP, visto que ambas as línguas integram o grupo dos sistemas mais transparentes no que tange à relação de padrões grafêmicos e fonético-fonológicos em comparação ao ING. Em seu estudo, Erdener e Burnham (2005, p. 222) mostram que “o *background* ortográfico da língua afeta significativamente o processamento da língua não nativa no nível de palavras individuais”. Os resultados de sua pesquisa mostram que o processamento é favorecido quando falantes de línguas mais transparentes são apresentados a *inputs* ortográficos de línguas também mais transparentes e é desfavorecido quando tais falantes são apresentados a *inputs* ortográficos de línguas mais opacas. Neste sentido, a produção de falantes de línguas mais transparentes pode ser mais afetada por *inputs* ortográficos, do que a produção de falantes de línguas mais opacas. Assim, em nosso trabalho, era de se esperar que os falantes brasileiros

seriam mais influenciados, na produção do ESP, pelos *inputs* ortográficos e pelas relações grafo-fônico-fonológicas do PB.

Tomando por base os resultados da pesquisa de Erdener e Burnham (2005), Alves e Barreto (2012, p. 205) sugerem que, em oposição ao caso do ensino de ING para brasileiros, “a informação ortográfica mostra-se como um recurso importante a ser utilizado pelo professor de espanhol como L2 ao ensinar falantes do português brasileiro”. Não negamos, aqui, a importância deste recurso como um facilitador, mas discutimos a necessidade de, também neste contexto em que tanto a língua-alvo quanto a língua-fonte situam-se em um polo de maior transparência, se discutir as diferenças das relações grafo-fônico-fonológicas entre as duas línguas.

Somado a isso, ainda que careçamos de uma análise mais detalhada da questão, por meio de aplicação de questionário, a respeito da biografia linguística dos aprendizes (TOASSI; MOTA, 2013a), aventamos a hipótese da recentividade para explicar a influência do ING na produção do ESP. Dito de outro modo, supomos que o uso mais recente do ING, por parte de Ap3 e Ap7, pode ter influenciado a realização de /x/ do ESP como [dʒ]. Essa questão será analisada e discutida, de modo mais aprofundado, em publicações futuras que estão em processo de elaboração.

### Considerações finais

Neste estudo, pertencente ao âmbito da aquisição multilíngue, investigamos a aprendizagem do tepe, da vibrante múltipla e da fricativa velar desvozeada do ESP por universitários. A seguir, apontamos cinco eixos, nos quais nos centramos, a fim de tecermos, na sequência, as considerações finais: (i) tendências de (não) aplicação das formas-alvo; (ii) evidências de transferência grafo-fônico-fonológica; (iii) variabilidade intra-sujeito; (iv) hipótese da ausência de percepção de diferenças grafo-fônico-fonológicas; (e) futura proposta de intervenção instrucional.

Quanto aos índices referentes à frequência das formas-alvo, em relação às formas alternativas, pudemos observar que o tepe foi o mais frequente, ao longo do teste de leitura de palavras isoladas, em comparação à vibrante múltipla, que apresentou sentido inverso, em termos de aplicação, entre os Aps. Apesar de a fricativa velar desvozeada ter sido a forma-alvo menos frequente, em virtude do elevado índice de ocorrência de sua forma alternativa [h], uma análise mais apurada apontou que esse tipo de realização é uma variante do ESP. Logo, a dificuldade de aquisição de /r/ por estudantes de ESP (FERNÁNDEZ, 2001) como L2 parece que se confirma nesta pesquisa, de natureza multilíngue, em contexto de não imersão. No que tange às categorias oriundas dos dados de não aplicação das formas sob exame, constatamos que houve um maior espectro de possibilidades de realização de /x/, uma vez que este apresentou quatro formas alternativas ([r, ɾ, ʒ, dʒ]). O fonema /r/ teve como formas alternativas [r], [h] e [x], enquanto o fonema /r/ apresentou apenas [r] como forma alternativa.

No que concerne à transferência grafo-fônico-fonológica do PB e do ING para o ESP, é possível observarmos que, no primeiro caso, houve a produção de

/x/ como [ʒ] por três Aps (Ap8, Ap15 e Ap20), em posição medial de palavra, e a produção de /r/ como [h] por um Ap (Ap7), tanto em posição inicial quanto medial, e como [x] por três Aps (Ap3, Ap6, Ap20), em posição medial. Em comparação, no segundo caso, apenas o Ap7 e o Ap3, respectivamente, em posições inicial e medial de palavra, podem ter recorrido ao seu conhecimento fonético-fonológico do ING para produzir na outra LA de sua biografia linguística. Ainda que a frequência desses casos não seja tão expressiva numericamente, tais ocorrências são úteis para aventarmos as hipóteses de provável influência da tipologia linguística (primeiro caso) e da recentividade (segundo caso) no processo aquisicional do ESP, o que não nos leva a descartar a possibilidade de outros fatores poderem condicionar essas influências translinguísticas.

No que diz respeito à variabilidade intra-sujeito, três Aps realizaram diferentemente o fonema /r/ em apenas uma das duas realizações alternadas, uma vez que, em uma das possibilidades de produção alternativa, Ap3 e Ap20, por um lado, e Ap7, por outro lado, o produziram, respectivamente, como [x] e [h], ao passo que na segunda possibilidade (tepe) convergiram. Quanto ao fonema /x/, quatro Aps apresentaram mais de uma realização: Ap9, Ap15, Ap16 e Ap20. Os três primeiros apresentaram realizações com [r], ao lado de realizações com [r] (Ap9 e Ap16) e com [ʒ] (Ap15). Em comparação, o Ap20 manifestou as seguintes formas alternativas: [r] e [ʒ].

No que tange à hipótese de que há dificuldades de percepção de diferenças de realização entre [r] e [r] do ESP por parte dos Aps, o que resulta numa produção indiscriminada desses fones, independentemente da sua representação gráfica (“r” e “rr”) e do contexto linguístico de sua ocorrência, concordamos com Schmidt (1990), para o qual a percepção não ocorre em relação a um aspecto geral, mas sucede acerca de formas linguísticas específicas. Isso aponta a necessidade de tratamento instrucional que propicie condições para que os aprendizes percebam elementos linguísticos determinados nas amostras a que são expostos.

No que se refere a uma futura proposta de intervenção instrucional, em primeiro lugar, cabe assinalarmos que, no contexto brasileiro, os estudos (ZIMMER; ALVES, 2006; SILVEIRA; ALVES, 2009; LIMA JÚNIOR, 2010; ALVES; MAGRO, 2011; PEROZZO, 2013; ROCHA; CARVALHO, 2015) que envolvem intervenção instrucional de aspectos linguísticos no nível fonético-fonológico predominam no campo de aquisição de segunda língua (a aquisição de segunda língua remete ao bilinguismo, em oposição à aprendizagem de três ou mais línguas – multilinguismo), conseqüentemente, há necessidade de que se explorem trabalhos dedicados ao tratamento instrucional no campo da aquisição multilíngue.

Em segundo lugar, não sugerimos o abandono das propostas de intervenção dos estudos supracitados, contudo é necessário que atentemos para as diferenças existentes entre essas pesquisas e a presente investigação, o que possivelmente resultará em uma proposta intervencional ressignificada a partir de fatores (i) aquisicionais, (ii) linguísticos e (iii) extralinguísticos.

Logo, num contexto de aprendizagem simultânea de duas línguas adicionais (ESP e ING), ao longo da preparação da intervenção pedagógica, é necessário que levemos em consideração a possibilidade de interação entre as línguas envolvidas (L1, L2, L3, etc.) tanto da L1 para a L2 e/ou L3 quanto da L2 para a L3 e vice-versa, como ocorreu em estudos desenvolvidos no contexto brasileiro (FONSECA, 2014;

BLANK, 2016), visto que concordamos com Cenoz (2008), para a qual a influência translinguística remete à consequência da interação da língua-alvo com as línguas aprendidas anteriormente.

---

## Referências

---

ALVES, U. K.; BARRETO, F. M. O processamento e a produção dos aspectos fonético-fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, R. R. (org.) *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 193-209.

ALVES, U. K.; MAGRO, V. Raising awareness of L2 phonology: explicit instruction and the acquisition of aspirated /p/ by Brazilian Portuguese speakers. *Letras de Hoje*, v. 46, p. 71-80, 2011.

BACK, E.; DUTRA, E. de O. As percepções de universitários brasileiros sobre a aprendizagem e/ou aperfeiçoamento simultâneo da competência linguístico-comunicativa do inglês e espanhol: facilidades, dificuldades e estratégias. *Percursos Linguísticos*, v. 8, p. 153-169, 2018.

BLANK, C. A. A transferência grafo-fônico-fonológica em multilíngues falantes de português, espanhol e inglês: uma abordagem dinâmica. In: ALVES, U. K. (org.) *Aquisição fonético-fonológica de língua estrangeira: investigações rio-grandenses e argentinas em discussão*. Campinas: Pontes, 2016. p. 209-228.

BLANK, C.; ZIMMER, M. C. A influência da grafia em tarefa de acesso lexical envolvendo a L2 (francês) e a L3 (inglês) de um multilíngue: uma abordagem via sistemas dinâmicos. *Calidoscópio*, v. 9, p. 28-40, 2011.

BLANK, C.; ZIMMER, M. C. A influência grafo-fônico-fonológica na produção oral de multilíngues e o papel da proficiência: uma abordagem dinâmica. *Letras de Hoje*, v. 1, p. 66-75, 2014.

BRITO, K. S. *Influências interlinguísticas na mente multilíngue: perspectivas psicolinguísticas e (psico)tipológicas*. 2011. 289 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CABAÑERO, M. B.; ALVES, U. K. A transferência grafo-fônico-fonológica na produção de seqüências ortográficas 'ng' do inglês (L2): uma abordagem conexionista. *ReVEL*, v. 6, n. 11, p. 1-23, 2008.

CENOZ, J. Research on multilingual acquisition. In: CENOZ, J; JESSNER, U. (eds). *English in Europe. The acquisition of a third language*. Clevedon: Multilingual Matters, 2000. p. 39-53.

CENOZ, J. The acquisition of additional languages. *ELIA*, v. 8, p. 219-224, 2008.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2002.

DE BOT, K. The multilingual lexicon: modeling selection and control. *International Journal of Multilingualism*, v.1, n. 1, p. 17-32, 2004.

- ERDENER, V. D.; BURNHAM, D. K. The role of audiovisual speech and orthographic information in nonnative speech production. *Language Learning*, v. 55, n. 2, p. 191-228, 2005.
- FERNÁNDEZ, A. da R. *Interface Português/Espanhol: o problema de fonemas em uma língua e alofonia em outra*. 2001. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2001.
- FONSECA, L. C. Á. *Transferência léxico-semântica no multilinguismo*. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- FROMKIN, V. A. *Linguistics: an introduction to linguistic theory*. Oxford: Blackwell, 2000.
- HARRIS, J. W. *Syllable structure and stress in Spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.
- JARVIS, S.; PAVLENKO, A. *Cross-linguistic influence in language and cognition*. New York: Routledge, 2010.
- LIMA JÚNIOR, R. M. *Pronunciar para comunicar: uma investigação do efeito do ensino explícito da pronúncia na sala de aula de LE*. 2010. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- MONARETTO, V. N. O. *et al.* As consoantes do português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 195-228.
- ODLIN, T. *Language transfer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- OTTONELLO, M. B. Las Estrategias de Aprendizaje. In: LOBATO, J. S. (org.) *Vademecum para la formación de profesores. Enseñar español con segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. S.A. SGEL SOCIEDAD GENERAL ESPAÑOLA DE LIBRERÍA, 2004. p. 374-377.
- PEROZZO, R. V. *Percepção de oclusivas não vozeadas sem soltura audível em codas finais do inglês (L2) por brasileiros: o papel da instrução explícita e do contexto fonético-fonológico*. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- QUILIS, A. *Tratado de fonología e fonética españolas*. Madrid: Gredos, 1999.
- ROCHA, A. R. S.; CARVALHO, W. J. A. *Os efeitos da instrução explícita em fonologia*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- RODRIGUES, T. J. da C. *Questões em torno do modelo da dupla-via: a análise dos diferentes valores fônicos do grafema <x>*. 2013. 51 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento) – Universidade de Coimbra, 2013.
- SCHMIDT, R. The Role of Consciousness in Second Language Learning. *Applied Linguistics*, v.11, n.1, p. 129-158, 1990.
- SERRA, M. L. de A.; ABREU, R. M. M.; BERTELEGGNI, M. del C. *Fonética aplicada a la enseñanza del español como lengua extranjera*. São Paulo: Galpão, 2007.



SILVEIRA, R.; ALVES, U. K. Noticing e instrução explícita: aprendizagem fonético-fonológica do morfema '-ed'. *Nonada*, v. 13, p. 149-159, 2009.

TOASSI, P. F. P.; MOTA, M. B. A aprendizagem lexical do inglês como terceira língua: um estudo com foco em influências translinguísticas. *Entretextos*, v. 13, p. 12-32, 2013a.

TOASSI, P. F. P.; MOTA, M. B. Transferência linguística no nível sintático na produção do inglês como terceira língua. *Nonada: letras em revista*, v. 2, p. 1-14, 2013b.

VELOSO, J. A língua na escrita e a escrita da língua. Algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonêmicas na escrita do português e outras questões. Da investigação às práticas. *Estudos de Natureza Educacional*, v. 6, n. 1, p. 49-69, 2005.

WILLIAMS, S.; HAMMARBERG, B. Language switches in L3 production: Implications for a polyglot speaking model. *Applied Linguistics*, v. 19, p. 295-333, 1998.

YAVAS, M. *Applied English Phonology*. New Jersey: John Wiley & Sons Publication, 2011.

ZIMMER, M. C.; ALVES, U. K. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexão. *Revista Linguagem e Ensino*, v. 9, n. 2, p. 101-143, 2006.

---

### Para citar este artigo

---

DUTRA, Eduardo de Olivera; SIMIONI, Taíse; BORGES, Larissa da Costa; VICTORIANO, Michelle Gaia. A transferência de padrões grafo-fônico-fonológicos do português e do inglês para o espanhol num contexto multilíngue e de não imersão. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 691-707, maio-ago. 2019.

---

### Os autores

---

**Eduardo de Oliveira Dutra** é Doutor em Linguística Aplicada (UNISINOS). Professor do curso de Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas (UNIPAMPA) e do Mestrado em Ensino de Línguas dessa mesma instituição. Atualmente é líder do grupo de pesquisa Ensino e aprendizagem de línguas: uma abordagem quantitativa.

**Taíse Simioni** é Doutora em Letras (UFRGS). Professora do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa (UNIPAMPA) e do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas dessa mesma instituição. É membro do Grupo de Pesquisa “Ensino e aprendizagem de línguas: uma abordagem quantitativa”.

**Larissa da Costa Borges** é Graduada em Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas (UNIPAMPA).

**Michelle Gaia Victoriano** é Graduada em Direito (UNISANTA). Atualmente cursa Especialização em Direito e Processo Tributário (EPD). Cursou Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas (UNIPAMPA) até 2017.